

MARIA GUIMARÃES: Eu cheguei de viagem, eu não dormi nada na viagem. Eu tomo remédio para fibromialgia, que ele me dar desequilíbrio total motor. Então eu estou aqui, aí eu perdi um carregador, e eu tenho certeza que tava em uma loja, assim, na sorte, né. Cheguei, enfiei a mão e estava lá o carregador do meu celular novinho, eu já não... O celular todo descarregado, eu lembrei isso. Me perdoe, que esse dente saiu, que eu tive uma queda na universidade que eu dou aula, né, na Univale, que eu tô licenciada, e a menina pegou e colocou tribond, e colocou tribond e o tribond também e o dente saiu, está no dente e está no pino, mas a dor está insuportável.

ENTREVISTADORA: Nossa.

MARIA GUIMARÃES: Eu já tenho olheiras, então eu dormi nada. Nem com esses remédios de analgésicos que eu tomo, que eu não tomo. Eu estou aqui, mas é como se eu não estivesse, que a dor que está... E eu não sou de acordar essa hora, eu acordo cedíssimo, mas é por causa do remédio.

ENTREVISTADOR: Se tiver muito incômodo a gente pode vir amanhã.

MARIA GUIMARÃES: Ah, se vocês puderem vir amanhã, vocês vão embora que horas?

ENTREVISTADORA: Vamos embora amanhã (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: Como é que está a nossa agenda amanhã?

ENTREVISTADORA: Amanhã a gente vai na Glória, as 08h30min.

MARIA GUIMARÃES: Quem é Glória?

ENTREVISTADORA: Glória, da União Operária.

MARIA GUIMARÃES: Ah, a Glória não sabe de nada, não, gente. Nada, nada, nada. Aqui, quem tem conhecimento, a Glória vai falar da União Operária, o interessante da União Operária é pegar quem fundou a União Operária, que ainda tem gente viva da União Operária, que coisa e tudo. Então ela vai pegar o relato do homem, que eu acho um absurdo, ela devia chamar, porque tem gente viva ainda, não morreram todo o pessoal da União Operária. Agora o pessoal do Partidão, esses, infelizmente, mas o Tim teve ainda a condição de entrevistar vários. Até um que estava sumido, e eu fui e consegui achar ele, o Augusto, que era sobrinho do Senhor Otávio, o médico que foi assassinado, né? Errado, que era o filho (trecho Incompreensível), matou o filho que não tinha nada. Então, a Glória vai pegar o relato do coisa. Eu acho que você podia falar assim: "Oh, Glória, não tem ninguém vivo da...", pode falar, sabe? Se você quiser eu até vou com você.

ENTREVISTADORA: O nome das pessoas...

MARIA GUIMARÃES: É. Quem fundou a União Operária? Ela vai falar o (trecho incompreensível). Tem algum, algum homem vivo? Que a União Operária não é tão velha. Porque os do Partidão tinha uma memória tremenda, os da União Operária também têm. Então é muito melhor você entrevistar uma pessoa que vivenciou e que criou a União Operária do que uma pessoa que pegou a União Operária depois e mudou toda a característica que era da União Operária, sabe? Ali era reunião dos operários, de tudo, em cima. Ali agora é salão de festa, é comunho de sindicato, da CUT. Eu, como não sou PT, não vou, não sou, não tenho ódio do PT, certo? Como esse pessoal tem, que tiveram a capacidade de falar que a Dona Marisa não morreu, que ela fugiu para Miami. A médica falou que tinha que abrir o cérebro dela para ver se ela teve AVC. Ainda bem que já demitiram cinco médicos, e eu falei, devia cassar o diploma de todos eles. Sabe? A mulher teve um AVC hemorrágico... Olha, eu não sou do PT, eu fundei o PT em 79, trabalhei para o PT até... Eu lamento com ele. Nós fomos perseguidos pela Polícia Federal, isso é outra história, igualzinho a época da ditadura, que o PT foi fundado durante a ditadura, né? A ditadura terminou só em 85. Então nós foi perseguido. O Amilton, como tinha costa larga, um tio que era coronel, então ele ficou um mês, e eu aqui sofrendo. Quase que morremos, eu e uma companheira, que o carro atropelou, o meu irmão me ligou e falou assim: "Tem uma Kombi passando, branca, aí? Cuidado que é P2 da polícia federal". Eles gravavam as conversas da gente, das reuniões, em tudo. Mas isso, já estou acostumada de ser perseguida. Aí, de ter sido presa e tudo, isso eu vou contar, isso já é o momento agora da Ditadura. Agora, a Glória, eu acho que é importante, eles são mais velhos, podem ter dificuldade, e ela ajudar, ela vai pegar o relato deles e tudo, agora se vocês quiserem... Que horas que é a Glória?

ENTREVISTADORA: 08h30min.

ENTREVISTADOR: E depois da Glória?

ENTREVISTADORA: Depois da Glória a gente iria ligar para o Aluízio, ele era...

MARIA GUIMARÃES: Aluízio, filho do Senhor João, é o...

ENTREVISTADORA: Eu queria também falar com o Roberto.

MARIA GUIMARÃES: O Aluízio, o Senhor João falava mais sobre a questão da coisa comigo do que com os filhos. Então ele vai falar: "Procura a Maria". Tenho certeza. Ele vai falar, ele vai chorar porque o pai morreu e tudo, tá, tá, sabe? Ele vai falar das torturas, isso ele vai falar, que ele viu o pai quebrado, mas pouca coisa, que o Senhor João gostava de conversar comigo, e eu xingava ele, porque ele era stalinista por ser do Partidão. "Vá, Senhor João. Eu sou trotskista, aí

não dar certo”. Aí um filho dele que morreu falou comigo assim: “Oh, Maria, volta lá, que o papai te adora, e todo mundo lá em casa, as filharadas gosta demais de você, e agora...”, e foi esse irmão que morreu, “vai lá”, eu falei: “Então vamos, mas seu pai é chato para caramba”. Aí então eu fui, aí passou um ou dois meses, esse filho, ele perdeu esse filho, sabe? Ele tinha uma doença, (trecho incompreensível). Aí o Senhor João não conversava, falou assim: “Olha aqui, eu estou conversando com a Maria e com o Amilton, então deixa a gente...” E vinha, e ficava a mulher dele também, que ela sabia, eu acho, sabe? O Aluízio, ele vai mandar me procurar, mas eu acho interessante, que ele era filho do João da banca, sabe? Que quebrou a banca e tudo, pá, pá, mas o Senhor João foi operário, ficou quatro anos preso lá em Linhares, em Juiz de Fora. Isso tudo eu sei! Eu posso te falar das mortes que aconteceram, das perseguições, de quem, dos coronéis, daquela mulher da boca aberta. A história toda eu sei tudo, isso eu sei. Agora o Aluízio é interessante por ser filho, né? “Entrevistamos um filho de um dos que foram perseguidos, torturados, e tudo”. Agora falou assim, aí você pergunta: “Você conhece a Maria Guimarães?” Falou assim: “Nossa, eu conheço e adoro demais ela”. Aí... Porque ele tem raiva do pessoal do PT. Aí então você... Você vai procurar ele aqui, ele está aqui na Prefeitura?

ENTREVISTADORA: Amanhã.

MARIA GUIMARÃES: Na Prefeitura, não é? Aqui embaixo?

ENTREVISTADOR: Isto.

MARIA GUIMARÃES: É. Aí você fala com ele: “Oh, Aluízio, eu estive lá na Maria, mas ela estava meia grogue”, mas eu já estou melhorando, se quiser fazer agora...

ENTREVISTADOR: A gente podia ir conversando até o tempo que você der conta, e conversando...

MARIA GUIMARÃES: É, o negócio é só esse...

ENTREVISTADOR: Entendo.

MARIA GUIMARÃES: E eu tô razoável, porque eu estou assim, deve estar com a olheira...

ENTREVISTADOR: Não, não.

MARIA GUIMARÃES: Está não? Aí eu faço assim com o cabelo, não posso nem mexer com a cabeça, não, eu estou toda arrebetada e cheia de doença, mas a luta eu, como diz a luta, a luta continua.

ENTREVISTADOR: A luta continua.

MARIA GUIMARÃES: Do Lula.

ENTREVISTADOR: Essa nossa conversa, Maria, é mais sobre essa história aí, relacionada aos trabalhadores rurais.

MARIA GUIMARÃES: Ah, sei.

ENTREVISTADOR: Que essa para nós é muito interessante, tem muito pouca informação.

MARIA GUIMARÃES: Do Chicão.

ENTREVISTADOR: Então nós precisamos muito de pessoas como você que sabe dessa história.

MARIA GUIMARÃES: Eu vou falando.

ENTREVISTADOR: Claro.

MARIA GUIMARÃES: Sabe? Primeiro deixa eu começar. Iniciar como é que foi o Golpe aqui em 64. 64, quando os militares se rebelaram e fizeram, não entraram no quartel, isso antes do Golpe acontecer, esses militares não entraram e foram banidos. A partir da saída desses militares, Valadares já estava, como se diz? Organizando com o Julião... Ah, meu Deus... Antônio Julião, não...

ENTREVISTADOR: Francisco Julião?

MARIA GUIMARÃES: É, Francisco Julião, Chico Julião. Que era da liga dos, era da liga, era do... Tinha o grupo dos 11, tinha a liga do Chico Julião, e tinha o grupo dos trabalhadores rurais. O Chicão não era trabalhador rural. Em Valadares, na Vila Mariana, São Geraldo, ali eram os sapateiros, e os sapateiros era em todos do Partidos Comunistas, conheci todos, todos eles, já morreram todos, infelizmente. Então eles me contaram o quanto que eles eram perseguidos. Então essa junção, aí chegou o Chicão, né, aqui, esqueci o nome do Chicão, Francisco... Vocês devem ter o nome dele.

ENTREVISTADORA: Da Paixão.

MARIA GUIMARÃES: É, o Chicão esteve, reuniu com o sapateiro e começou a ter uma ligação com o pessoal camponês através da Liga Camponesa, a liga do Julião, né, e através do grupo dos 11. Que eram, o grupo dos 11 que tinham, falava Grupo dos 11, mas tinha muito mais de 11, e reuniam direto em Valadares.

ENTREVISTADOR: Só recapitulando, isso era pré-Golpe?

MARIA GUIMARÃES: Era pré.

ENTREVISTADOR: Pré-Golpe.

MARIA GUIMARÃES: Aí, já no golpe, ele já, ele já...

ENTREVISTADOR: (Trecho incompreensível).

MARIA GUIMARÃES: Quando deu o Golpe, Valadares já entrou no Golpe, entendeu? Através dos sapateiros, dos trabalhadores rurais, então Valadares...

ENTREVISTADOR: E do grupo dos 11?

MARIA GUIMARÃES: E do grupo dos 11, do Julião, da Liga...

ENTREVISTADOR: Camponesa.

MARIA GUIMARÃES: Camponesa, e tudo, pá, pá. Tudo isso entrou no coisa, porque aqui em Valadares era terra de fazendeiros, sabe? E de fazendeiros matadores, sabe?

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA GUIMARÃES: Então Valadares ficou conhecida nacionalmente como a única cidade aonde o Golpe de 64 se fez presente. Então Valadares entrou no Golpe. Aí foi aquela perseguição e tudo, pá, pá. E em 64, antes de entrar nessa questão dos camponeses, não sei se falaram com vocês... Três, Vander Campos, Fica e Avelino. Avelino e Vander Campos já morreram. Vou contar a história do Vander Campos. E o Fica, ainda está ficando na cama até hoje, sabe? Desde, deve ter uns 30 anos ou mais que esse homem está na Câmara e não morre a praga. Aí, esses três foram atrás do Dr. Otávio, Otávio Soares, que era um farmacêutico, ele era farmacêutico, e era uma pessoa muito simples, assim, muito caridosa, o filho dele que era do Partidão, Wilson Soares. E aí então, eles querendo o Wilson, e ele falou assim: "Mas o Wilson não está aqui e tudo, pá, pá". Aí ele falou assim: "então...", não sei se o Vander ou o Fica, um dos dois, falou assim: "Então nós vamos ter que, para não deixar testemunha, nós vamos matar o senhor". Então deram um tiro, ele correu, tinha um jipe em frente à casa dele, deram um tiro. Sabe essas balas que entram dentro do corpo e estoura dentro do coisa, ela tem um nome, é chumbinho, como é que chama? Essa bala, que ela entra, sabe? Ela não mata, não, ela mata porque ela explode dentro do corpo. Procura saber o nome, que eu sabia, eu estou, é dundo, isso mesmo. Aí deram vários tiros, pegou, e saiu o Augusto, que era filho dele, tinha 22 anos. "Papai, o quê que está acontecendo aí?" E tudo. Saiu a família, aí deram tiro no Augusto, o Augusto não tinha nada! "Cadê o Wilson? Cadê o Wilson?" Então mataram o Senhor Otávio e mataram o Augusto, que não tinham absolutamente nada.

ENTREVISTADORA: Eles não tinham envolvimento nenhum?

MARIA GUIMARÃES: Envolvimento nenhum, nem o Senhor Otávio, quem tinha era o Wilson.

ENTREVISTADORA: Só o Wilson?

MARIA GUIMARÃES: Aí vou te contar o que aconteceu com o Wilson. Aí o papai, como era gerente de banco e era amigo desse pessoal, ou seja, papai era amigo até do Armando Zilha, que era presidente, era do Partido Comunista e presidente dos bancários. E papai era gerente de banco, gerente de banco naquela época era como se fosse prefeito da cidade. Enriqueceu muito fazendeiro e tudo, porque papai era aquela pessoa séria e compenetrada, e não tinha meias palavras. Aí o Vander Campos veio ao banco para pegar dinheiro e falou assim, papai falou assim: “Acabaram de matar um grande amigo meu”, aí Vander Campos falou assim: “Fui eu que matou”. Aí a polícia, que aqui em casa ficava com polícia por ser banco, o banco era aqui, ó, aqui na frente, cheio de polícia, meganha, que eu falo, meganha, aí cheio de meganha, aí não conseguiram as algemas, porque ele era muito gordo, e ele conseguiu fugir. Sabe? Então o Vander Campos foi morto por briga de família entre Avelinos e, ai gente como é que chama? Ah, é um pessoal que mata para caramba, sabe? E esse pessoal descobriu que o Vander estava em Mutum, na casa dele e tudo e pá, pá. Então mandou a turma de pistoleiro, não posso falar em pistolagem, porque os irmãos da minha avó eram todos pistoleiros aí dessa região. Então a minha família é meia complicada, aí então... Até o meu avô materno, marido da minha avó, que a minha avó não era fácil, era ruim, e ela incentivava os irmãos a matar mesmo. Aí então, eles eram matadores de aluguel e naquela época era pistolagem, Valadares era uma bandidagem tremenda. Aí então, foram e deram 44 tiros no Vander Campos.

ENTREVISTADOR: Lá em Mutum?

MARIA GUIMARÃES: Lá em Mutum. O Vander, ele foi anistiado por aquele Rondon Pacheco.

ENTREVISTADOR: Uhum, que era governador de Minas.

MARIA GUIMARÃES: Aquela porcaria, que era amigo dele e tudo. Então ele foi anistiado, sabe? O cara que mata, ele e mais dois mata, e o Avelino, como a matriarca lá de Vassouras, é aonde Avelino, olha como que é a coisa. Tem o homem que é o patriarca, o que manda matar, o que é o chefão, os Avelinos é o contrário, a chefona é a mulher, entendeu? A mãe.

ENTREVISTADOR: A matriarca.

MARIA GUIMARÃES: A matriarca. Então, ela, descobriram que ele estava lá para aqueles lados, não sei aonde, e mataram o Avelino, o único que está vivo que matou o Seu Otávio é esse Fica. Aí, com isto, papai ficou, assim, sem graça, não falou nada, e comentou comigo, e o Vander sumiu. Os trabalhadores...

ENTREVISTADOR: E talvez, aqui nessa emboscada lá com o Vander, ele não foi morto?

MARIA GUIMARÃES: Não foi morto.

ENTREVISTADOR: Mesmo levando 44 tiros?

MARIA GUIMARÃES: Não, ele foi morto com 44 tiros, através...

ENTREVISTADOR: Lá em Mutum?

MARIA GUIMARÃES: É, mas aí é briga de família.

ENTREVISTADOR: Ah, entendi.

MARIA GUIMARÃES: Quando, é família dos Avelinos com os... Oh, Maria!

ENTREVISTADOR: Depois a gente pega o nome, não tem problema.

MARIA GUIMARÃES: Esqueci o nome agora, gente, nossa, famoso, estão todos presos e ainda continuam mandando matar.

ENTREVISTADOR: Sei.

MARIA GUIMARÃES: Então, eles descobriram que o Vander estava lá, mas foi muito depois, muitos anos depois, e aí mandaram matar e com 44 tiros. Como ele era muito grande, então, 44 tiros, tum, tum, tum, é, tum tum. Aí, acho que 44<sup>a</sup>, aí pôs fim. Eu acho que já na 20<sup>a</sup> ele já devia estar morto, mas pistoleiro, quanto mais tiro eles dão mais eles querem mostrar que eles são...

ENTREVISTADOR: Violentos.

MARIA GUIMARÃES: Violentos. Então, por mim foi tarde. Aí, aqui em Valadares, reuniu os sapateiros juntamente com os trabalhadores rurais, que entrou o Chicão no meio. O Chicão fazia sapato, mas o Chicão mexia com tudo quanto é área, sabe? Tudo quanto é área que tinha alguma organização o Chicão estava no meio, sabe? Então você não podia falar que o Chicão era trabalhador rural, podia falar que Chicão era sapateiro, certo? O Chicão, ele podia exercer essas coisas, mas ele era mais um líder para organizar os trabalhadores em geral. Tanto sapateiro quanto trabalhadores rurais e tudo. Aí, ali na Praça Pascoal Lima, que é essa que é a grande X da questão, estavam reunidos, mas, assim, milhares de trabalhadores rurais e o Chicão falando, né, que eles tinham que organizar, Liga Camponesa, aquela coisa, Julião... Tudo reunido. Quando o Capitão Pedro, que era... Como é que fala? É... O Pascoal era genro dele, ele era sogro desse Pascoal Souza Lima, falou assim: "Nossa, mas nós descobrimos aonde o Chicão está. Vamos para lá". E foi esse Pascoal Souza Lima e a polícia. Então naquele negócio...

ENTREVISTADORA: Qual polícia?

MARIA GUIMARÃES: Polícia Militar. Entendeu? A meganhada toda. Com isso, o quê que aconteceu? Naquela troca de tiros, o Pascoal Souza Lima foi morto por um militar e não por

nenhum trabalhador. Trabalhador rural não tinha uma arma, não tinha nada, eles só se escondiam. A Liga podia ter, mas eram aquelas carabinas que não dava nem para matar alguém, e eles eram, foram todos armados, e o Capitão Pedro mandou matar todo mundo. E o Pascoal Souza Lima foi morto, genro desse Capitão Pedro. Vou contar a história dele. Aí então colocaram Praça Pascoal Souza Lima, que eu estou doida para tirar o nome dessa múmia, porcaria, e colocar o Chicão, o Senhor João, pegar o nome do Senhor João, ou algum líder camponês, né? Para, nós já estamos trabalhando nisso. E aí foi o grupo dos 11 e tudo pá, pá, estavam todos reunidos lá. Como esse... Com essa quantidade de militares e paramilitares, que eram os fazendeiros, vamos dizer que eles eram paramilitares, e eles matavam mesmo, né, morreu esse Pascoal Souza Lima com um tiro do, um tiro amigo, né, porque ele foi morto por um policial. E aí ele propagou, o sogro dele para a cidade inteira, que quem matou o Pascoal foi um dos que deram o nome da Praça, foi um dos trabalhadores, isso foi já em 64.

ENTREVISTADOR: Daquele evento do dia 30 para o dia 31?

MARIA GUIMARÃES: Exatamente, é, já foi...

ENTREVISTADOR: É, 30 para 31.

MARIA GUIMARÃES: É. Já estava já em 64, no Golpe. Aí o Golpe todo, em 60 e, o Tim tem as datas, porque o Senhor João passou, eu não estou lembrada as datas. Os fazendeiros foram, o Senhor João tinha uma banca de jornal, eles foram lá, foram atrás dele, ele sumiu, e quebraram toda a banca dele, mas, assim, chutando, os fazendeiros, chutando a banca, quebrando. “Cadê o João? Comunista! Aqui em Valadares não pode ter comunista e tudo, pá, pá”. E Senhor João sumiu, mas conseguiram pegar o Senhor João. Conseguiram pegar o Senhor João, bateram demais nele aqui em Valadares, e levaram ele preso para Linhares, que é uma prisão política em Juiz de Fora. Ele ficou quatro anos preso. Pau de arara, choque nos órgãos genitais, água, tudo que você possa imaginar de tortura ele sofreu. Ele quebrou o braço, quebraram o braço dele em várias partes, entendeu? Foi uma tortura tremenda. E ele foi tentar avisar os amigos para tomarem cuidado, para não virem para Valadares, foi quando o Chicão sumiu, que eles queriam o Chicão, sabe? Eles não queria o Julião, né? Eles queriam era o Chicão, porque era o líder dos sapateiros e dos trabalhadores rurais, a cabeça do Chicão, o Chicão, ó...

ENTREVISTADOR: O Chicão e o Carlos, o do Jornal Combate?

MARIA GUIMARÃES: Não, é, o Carlos Olavo.

ENTREVISTADOR: Eles foram levados a Belo Horizonte...



MARIA GUIMARÃES: Exatamente, foram, é, o Carlos Olavo, é, foi. Era do Jornal Combate, que continuou exercendo, falando muita coisa, o Carlos Olavo (trecho Incompreensível) sem dono, e todos os nomes ali, fictícios, são verdadeiros, certo? O Carlos Olavo hoje está muito debilitado, tudo, mas na época que nós...

ENTREVISTADOR: Ele faleceu.

MARIA GUIMARÃES: Não sei se ele faleceu.

ENTREVISTADOR: Ano passado.

MARIA GUIMARÃES: Ah é, então ele faleceu ano passado. Mas o Carlos Olavo era uma pessoa que conversava com a gente tranquilamente. Conversei várias vezes com ele, ele vinha aqui em casa, eu ia no lugar, que eu sempre fui militante, e perigosa. O papai tinha pavor de pensar que eu podia ser presa e tudo. Eu falei: “Mal sabe que já tentaram contra a minha vida duas vezes aqui em Valadares”, na época da Ditadura, não é na época de 64, que eu era menina. Aí então, ele falou assim: “Nossa, eu tenho medo da Maria crescer, com esse espírito que ela tem, ela vai, vai acontecer alguma coisa com ela”, falei assim: “Olha, tudo o que o senhor me proibir de fazer, tem faculdade, eu vou fazer alguma coisa que o senhor vai proibir”. Então ele tinha muito medo, que ele tinha contatos, ele sabia. Nesta época houve a marcha lacerdista das mulheres de Valadares, né? Não sei quantas mulheres, que gerou aquela coisa horrorosa da mulher da boca aberta. Aquilo representa o grito “não queremos comunismo, queremos democracia”, sabe? Ali a Dona Aurita Machado, ela que botou para quebrar aquele negócio, aí eu já falei com uns amigos meu, até militares que viraram todos revolucionários, bombeiros e tudo, sabe? “Maria, você nos fez, nós vamos sair da polícia, nós vamos sair do exército, nós vamos sair da Polícia Federal, que você não é fácil dentro das salas”, eu falei: “Isso é, eu estou falando a verdade”. A primeira coisa que nós temos que fazer é quebrar aquela boca aberta, que já devia ter quebrado, eu acho que no governo do PT, o grande erro era não ter, era ter tirado aquela mulher. Independente dos fazendeiros, certo? Chiarem. Que os Machados, esses Machados, da Dona Aurita, o marido dela era coronel, eles tinham força, mas nem tanto, mas como ela era lacerdista, então a marcha foi enorme. E o mais incoerente nisso tudo, que uma das que estava na marcha, depois virou uma das mais ferrenhas lutadoras contra a ditadura, antilacerdista. Hoje ela está vegetando, Dona Telinha, que é mãe do Amilton, e nós... Então, com isto, para dar um pulo, que o Tim tem toda a documentação. Valadares ficava em... Durante o 64, 65, eu tenho um amigo, César Xavier, ele é até aposentado, ele é Professor Doutor, tem pós-doutorado, formou em pediatria, ele é de

Coroaci, mas é Coelho, César Xavier Coelho. Então, a mãe dele, ali na Afonso Pena, tinha um hotel, então ele devia ter uns 12 ou 13 anos, na época do Golpe, 66, por aí. O que ele viu de pessoas sendo mortas, não está no gibi.

ENTREVISTADOR: Pois é, e isso que é o detalhe. Como que a gente consegue informações? Isso tem alguma documentação ou é só relato?

MARIA GUIMARÃES: Eu passei... Não tem documentação, porque na época as pessoas tinham medo até de fotografar, e não tinha o Carlos Olavo, não tinha nada lá. Tem o que eu passei para o Tim, relato, e documento que o Senhor João passou para ele, em 96.

ENTREVISTADOR: Essa documentação do Tim, que ela está referindo muito, como é que nós temos acesso a isso?

MARIA GUIMARÃES: Ele, uai, ele tem tudo, uai. Só se ele jogou fora.

ENTREVISTADORA: Hoje ele está Itabucuri, mas ele chega a noite e quer reunir com a gente.

MARIA GUIMARÃES: É, o Tim tem tudo, uai. Se o Tim jogou fora, isso é um absurdo, uai, porque ele procurou para que eu levasse ele nesses lugares.

ENTREVISTADOR: Isso é fundamental.

MARIA GUIMARÃES: Sabe? Então, o César vinha, então eles colocavam em caminhão, a comando do Capitão Pedro, que já faleceu, que era uma praga aquele homem, sabe? Mercenário mesmo. O Capitão jogava todo mundo no rio, esse Rio Doce está morto, mas o que tem de cadáver aí, de 64, da época do golpe não está no gibi.

ENTREVISTADOR: Nunca foi feito uma perícia sobre isso?

MARIA GUIMARÃES: Não, nunca.

ENTREVISTADOR: Esses corpos nunca foram reivindicados?

MARIA GUIMARÃES: Não, nunca. Foram reivindicados pelas pessoas, mas falam assim: “Ah, sumiu, andou”, sabe? “Desapareceu”, sabe? Falavam assim.

ENTREVISTADOR: Nós teríamos como ter uma informação de pessoas que, por exemplo, dizem...

MARIA GUIMARÃES: Perderam.

ENTREVISTADOR: É, seus familiares desapareceram nesse período?

MARIA GUIMARÃES: Não sei, porque...

ENTREVISTADOR: Pelo menos uma pessoa.

MARIA GUIMARÃES: Era, ali atrás, eles indicavam, é esse aqui? Pelo o que o César falava, e matavam. Então eu...

ENTREVISTADOR: Mas, e esse familiar, por exemplo, você teria alguma...

MARIA GUIMARÃES: Suponhamos, só se você entrasse em contato com o César Xavier lá em BH.

ENTREVISTADOR: César Xavier está em BH?

MARIA GUIMARÃES: É.

ENTREVISTADOR: César Xavier Coelho?

MARIA GUIMARÃES: É, César Coelho Xavier.

ENTREVISTADOR: Você pega esse nome aí?

MARIA GUIMARÃES: Ele é professor da Federal.

ENTREVISTADOR: Federal.

MARIA GUIMARÃES: Procura saber o endereço dele.

ENTREVISTADOR: César Coelho Xavier.

MARIA GUIMARÃES: Xavier. Aí, ele tem parentes em Coroaci.

ENTREVISTADOR: Viu? Tá. Ele é professor da UFMG, deve ser aposentado.

MARIA GUIMARÃES: Ele nunca exerceu a pediatria, ele é médico, e sempre deu aula. Ele pode saber de alguém.

ENTREVISTADORA: De nomes, né?

MARIA GUIMARÃES: É.

ENTREVISTADORA: Eram camponeses na época?

MARIA GUIMARÃES: Eram pessoas que deviam ter alguma militância, que estavam contra o Golpe, que faziam, então sabiam que na Afonso Pena eles reuniam, né, que era... Afonso Pena vai direto na casa do, aonde os sapateiros, a Vila Mariana, São Geraldo, e tudo, sapateiros, todo mundo reunia. Você indo em direção, você sai, você indo pela (trecho incompreensível) Leodoro, você cai na casa do Senhor João, que já faleceu, o Aluizio vai falar, né, o Aluizinho vai falar que, disso aí.

ENTREVISTADOR: Porque isso para a gente é fundamental, em relação a esses mortos...

MARIA GUIMARÃES: E morreu muita gente.

ENTREVISTADOR: Que não tem nenhum registro sobre isso.

MARIA GUIMARÃES: É, morreu muita gente, porque, além do combate que registrava, toda a imprensa era censurada. Então não podia ter, eles tomavam a máquina, entendeu? Tem um amigo meu...

ENTREVISTADOR: Não era aberto inquérito sobre isso para procurar?

MARIA GUIMARÃES: Não era aberto, não, não poderia abrir.

ENTREVISTADOR: Não tinha apuração de inquérito?

MARIA GUIMARÃES: Não tinha apuração. Tem um amigo meu, ele tinha uma alfaiataria na época, isso ele contando para a gente. Então eles tinham olheiros, suponhamos, entravam dentro do Partido Comunista, entravam dentro do Grupo dos 11, entrava dentro da Liga Camponesa, e infiltrava. Até no PT já houve infiltração não sei de quantos, na época, não sei se no PSOL, também estou achando que deve ter. Aí, falaram com o... Falaram com esse alfaiate, o Zezito, aí falaram: "Zezito, cuidado! Que fulano não é quem é que você está pensando, ele está passando por ele", eles tinham isso, de forjar foto e tudo, passar pelo militante do Grupo dos 11, do Partido Comunista e os, e o Grupo dos 11 tinha uma relação muito grande com o Partido Comunista, com o Partidão, não o PCdoB, o Partidão, porque o PCdoB foi surgido em 62 com o racha, outra coisa. É o Partidão, o PCB que tem. Aí, eu vou indicar o Jó, que o Jó, ali no hotel, para vocês darem um pulo lá, porque o Jó pode dar algumas falas. Agora, tem falar com o Jó para ele falar devagar, porque ele gagueja, então você não entende absolutamente nada do que ele fala. Aí o Zezito pegou e falou: "Pode deixar comigo", aí chegou o homem e falou assim: "É aqui que é o Senhor José trabalha? José não sei o quê?" Ele falou assim: "É", "O conhecido como Zezito?". Estava falando com o Zezito. "É", "Ah, porque eu sou fulano, e estou querendo conversar com ele". Falou: "Olha, ele acabou de sair", o próprio Zezito falando, "ele acabou de sair, pegou a bicicleta", aqui em Valadares andava tudo de bicicleta, então, "mas ele não deve demorar, se o senhor quiser entrar, o senhor pode entrar e esperar", o próprio Zezito. Aí o Zezito pegou a bicicleta dele e ficou seis meses escondido em uma tocaia, naquela época era tocaia, no coisa, sem aparecer em Valadares. E aí que o cara esperando, esperando, esperando, que sacou que aquele cara que ele estava conversando era o cara que ele ia matar, ele foi para matar o Zezito. A ordem era essa, matar o Zezito lá dentro da alfaiataria, mas o Zezito, muito esperto, né, conseguiu enganar, coisa que outros não conseguiram. Então isso é um relato interessante de uma pessoa que era do Grupo dos 11, entendeu? Era do Grupo dos 11, que reunia aqui em Valadares cotidianamente. Entendeu? Então eles tinham uma relação com o Partido Comunista, com o Partidão, mas ele

nunca foi do Partidão.

ENTREVISTADOR: O Jó, você acha...

MARIA GUIMARÃES: O Jó ele é do Partidão.

ENTREVISTADOR: Está, e ele poderia, eventualmente, conhecer alguma dessas pessoas que foram morta?

MARIA GUIMARÃES: Ele poderia até... Que foram mortas. Não sei se o Jó conhece. Quem poderia falar alguma coisa é o César, aí tem que ir lá em BH.

ENTREVISTADOR: O César da UFMG, está, isso nós vamos fazer esse contato.

MARIA GUIMARÃES: Lá em BH.

ENTREVISTADOR: Claro, está ok.

MARIA GUIMARÃES: Tentar descobrir o endereço dele e tudo.

ENTREVISTADOR: Tá.

MARIA GUIMARÃES: Isso não é difícil, não.

ENTREVISTADOR: Não, nós vamos conseguir.

MARIA GUIMARÃES: Se eu tivesse o telefone dele, ligo para mim para pedir vereador na campanha passada agora, do PSOL. Aí eu falei, que aqui em casa, “se você me ligar para conversar com fulano é coxinha, o resto não é coxinha, que tem dois coxinhas, então você toma cuidado”, falei, “nó, que isto!” Aí falou assim: “A minha filha também, Nádia, é coxinha. Que absurdo”, eu falei: “É, para você ver.” Aí então, não sei se tem algum, deve ter alguns parentes bem velhos, a memória deve estar bem desgastada, né, ou às vezes, está lúcida.

ENTREVISTADOR: Agora, e com esse pessoal, depois que houve esse tiroteio?

MARIA GUIMARÃES: Aí houve esse tiroteio, né, eles, os camponeses, o Chicão reuniu todos e conseguiu tirar eles e acampou eles numa fazenda. Entendeu? E foram atrás do líder, que era o líder, era o Chicão, o Chicão era o líder, porque o Chicão, ele tinha a função de organizar os movimentos sociais, os movimentos contra a revolução de, o Golpe de 64.

ENTREVISTADOR: Ele fala no depoimento dele que ele, inclusive, aprendeu algumas técnicas com o Padre Laje, não é isso?

MARIA GUIMARÃES: É, exatamente. Aí o Chicão esteve aqui em Valadares, vou contar a história que aconteceu aqui em Valadares. Aí então, com isto o Chicão sumiu e ele conseguiu desaparecer com esses trabalhadores, quem ficou aqui que sofreu as coisa foi o Senhor João, foi um ferroviário que morava ali perto do Jó, esqueci o nome, Senhor Zé. O Passarinho, que era

sapateiro, e mais três sapateiros, todos do Partidão, mas todos já morreram. Quem pode falar alguma coisa a respeito dele, o João é mais novo do que eu, é o Jó, que ali no Hotel Rio Branco, ele está lá, ele almoça (trecho incompreensível), está lá ainda, agora. Então vocês podem marcar um horário, porque ele fica no hotel direto. Ele pode dar algum mais, algumas contribuições. Aí ele falou assim: “O que a Maria falou ele vai falar, está falado”, Luizinho vai ser a mesma coisa, mas isso é memória, né? Aí então, com isto, nós, aqui em Valadares, a nossa casa era de polícia, a gente podia sair, pequeno e tudo, pá, pá, pá, era aquela coisa. E todo mundo procurando os, como papai era muito amigo do Armando Ziller, o Armando Ziller foi presidente do Partido Comunista e era bancário, então o papai falava assim: “ah, eu não sei, sabe? Disse que fugiu, eu não sei, sei de nada, eu sou meramente um gerente de banco, eu”. Mas papai sabia pra caramba, entendeu? Então, o papai contava para a gente: “Eu, Maria, sou mais esperto”, meu pai se tivesse vivo estaria com 103 anos, 113 anos. “Então, eu não vou falar onde tá”, né, “depois da morte do Augusto e da morte do Senhor Otávio, do Otávio, eu quero ficar mais coisa”. E morreu. E aí o Wilson estava em um carro, aí fecharam o carro dele, descobriram, que tinha muito dedo infiltrado dentro da polícia e dos movimentos, pessoas infiltradas, falaram que o Wilson estava em um determinado lugar, e estava voltando para aqui para a casa dos pais dele. Aí fecharam, certo? E mataram ele nesse fechamento do carro.

ENTREVISTADORA: Você lembra a data?

MARIA GUIMARÃES: Eu acho que o Wilson morreu em 71, talvez o Jó saiba quando ele morreu.

ENTREVISTADOR: O Wilson, aqui ele entra na história...

MARIA GUIMARÃES: Wilson Soares era o que esses três fazendeiros estavam atrás. Mataram o pai, que era farmacêutico, e o filho, que não tinha nada. Mas o cabeça, o que era membro do Partidão, Wilson Soares.

ENTREVISTADOR: Era o Wilson?

MARIA GUIMARÃES: Wilson Soares. Igual a Zuzu Angel.

ENTREVISTADOR: Aham.

MARIA GUIMARÃES: A Zuzu Angel, ela não foi morta, ela não foi acidente, eles fecharam em Jacarepaguá e mataram, porque o filho dela, ele morreu no aeroporto Galeão, ele e a mulher, ele não saiu do aeroporto, daí torturaram e tudo, tá, tá, fecharam e falaram que ele tinha fugido e tudo, pá, pá. Aí eu vou contar outra história, né, aí vocês vão vendo.

ENTREVISTADOR: Tá, mas só retomando aqui a questão do Chicão. O Chicão, depois que ele saiu e...

MARIA GUIMARÃES: Aí o Chicão sumiu.

ENTREVISTADOR: Sumiu, os trabalhadores...

MARIA GUIMARÃES: Também não apareceram.

ENTREVISTADOR: Sumiram, ficaram esses três que já morreram, ou quatro aqui. E como é que foi aqui o retorno do movimento dos trabalhadores?

MARIA GUIMARÃES: Ah, o retorno dos movimentos foi quando a União Operária, ela, um grupo de sindicatos retomou a União Operária, pegou a União Operária, e aí descobriu vários ex fundadores da União Operária. Sabe? Já velhos na época. Então fizeram uma solenidade para eles com o nome deles, deve ter o nome deles, sabe? A Glorinha deve ter o nome deles, o nome dos fundadores da União Operária.

ENTREVISTADOR: Isso já na década de 80?

MARIA GUIMARÃES: Não, na década de 70.

ENTREVISTADOR: 70 ainda?

MARIA GUIMARÃES: 70. 70 e poucos, 79, quase 80.

ENTREVISTADOR: Tá.

MARIA GUIMARÃES: Vou colocar 81, 82.

ENTREVISTADOR: Nesse período, entre 64 e quase 80, o movimento operário aqui de trabalhadores desapareceu, ou não?

MARIA GUIMARÃES: Não, não, aqui começou o movimento de trabalhadores rurais mais trabalhadores urbanos.

ENTREVISTADOR: Passou a ser dos trabalhadores urbanos?

MARIA GUIMARÃES: É, aí sindicato de bancários, sindicato de alimentação, sindicato do comércio, eu ajudei a fundar todos, viu? Sindicato do comércio, sindicato do, o que mais? Não eram tantos não. E os trabalhadores, que a FETAEMG, a Federação dos Trabalhadores, né...

ENTREVISTADOR: Da agricultura.

MARIA GUIMARÃES: De agricultura, e tem o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, você vai ver lá na União Operária, tem lá, Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Sabe? Só que já passaram muitas pessoas por ele. Certo? Os antigos, que seria interessante, né... Nós participamos, durante a Ditadura, ainda era, não, depois da Ditadura, nós participamos de muitas ocupações de trabalhadores, assentamentos, até aquele Gilmar, o cabeça do movimento dos trabalhadores...

ENTREVISTADOR: Do MST?

MARIA GUIMARÃES: Do MST.

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA GUIMARÃES: O Gilmar veio aqui em casa, certo? Para a gente organizar a tomada da Fazenda do Ministério.

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA GUIMARÃES: Aí nós fomos, andamos para caramba, assentamos todos os trabalhadores, estão assentados, produzem, e tem a Barra Azul, que é uma outra, são dois assentamentos, além de Periquito, tem um assentamento aí, indo para Belo Horizonte, tem o Periquito.

ENTREVISTADOR: Uhum, sim.

MARIA GUIMARÃES: Tem o assentamento ali também, esqueci o nome do assentamento. Então tem Oziel e tem Barra Azul. Barra Azul é mais lidado à via camponesa, que é uma cisão dentro do movimento dos sem-terra.

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA GUIMARÃES: Há o MST, né? E há a Via Camponesa. No fundo é tudo a mesma coisa. A Via Camponesa, que por sinal está muito mais ativa do que o movimento dos trabalhadores rurais. Certo? Eles estão tomando mais a frente, isso na minha opinião. Certo? Mas que o MST ficou pouco... Com a criação do PT, ainda na Ditadura, em 79, os movimentos eclodiram, né, todos os movimentos sociais eclodiram demais com o PT. Então os movimentos sociais é que deram a visibilidade ao PT.

ENTREVISTADORA: Mas antes de 79...

MARIA GUIMARÃES: Mas antes de 79 eles continuavam se organizando, mas clandestinamente. Entendeu? Desde 64, todos se organizaram clandestinamente... Infelizmente, se Senhor João tivesse vivo, e o Augusto, o Passarinho, eles poderiam te dar todas as informações que eu, infelizmente, não posso te dar. Mas eu sei, que eles falaram comigo, que eles reuniam, às vezes na casa do Senhor João, iam na casa do Passarinho, vinha na casa do Senhor Zé, ferroviário, todos clandestinamente, e continuou. O Grupo dos 11, a Liga Camponesa, os trabalhadores rurais, todos continuaram, ninguém parou. Sabe? Mas tudo na clandestinidade, porque a Ditadura foi feia aqui em Valadares. Tinha um tenente-coronel, que a família dele, Ribeiro, o pai dele era Benedito Ribeiro, e esse homem era porreta em termos de ideias, ele era de esquerda mesmo, e



não importava se os filhos fossem do Partido Comunista, fossem... O Senhor Benedito tinha ideia... E tinha uma outra família, que é Machado, Sérgio Machado e Dona... Ah, meu Deus, agora me fugiu o nome. E a mulher dele. A mulher dele é que era mais combatida, tanto que a filha dela falou assim: "Meus pais eram socialistas, eram combatidos, mas eu, Lenita", era Dona Lenita Machado e Senhor Sérgio Machado, eles eram inimigos, o Senhor Sérgio era inimigo do irmão, que o irmão era um babaca, certo? Então, era de comércio e tudo.

ENTREVISTADOR: Mas agora...

MARIA GUIMARÃES: O Senhor Sérgio não, o Sérgio militava no Partido Comunista.

ENTREVISTADOR: Entendi. O Tenente-Coronel Ribeiro...

MARIA GUIMARÃES: Aí o tenente-coronel...

ENTREVISTADOR: Ele era militar mesmo?

MARIA GUIMARÃES: Ele era militar.

ENTREVISTADOR: Porque o Autino, por exemplo, não era militar, não era nada disso.

MARIA GUIMARÃES: Não, ele era militar.

ENTREVISTADOR: Aqui é militar.

MARIA GUIMARÃES: Então, o quê que aconteceu com ele? Ele era Valter Freitas Ribeiro.

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA GUIMARÃES: Entendeu? Aí o Valter casou com uma Birro, que era o pessoal que tomava conta, tomava, aqui em Valadares é cidade de famílias. Entendeu? Família é que dão as rédeas da questão, não é o mesmo dos Machado, os Machado são da (trecho incompreensível) que tem que quebrar mesmo, porque os Machado dela não têm respeito nenhum. Aí o Valter, como era militante, militante mesmo, vivia só coisa, só fugindo, os filhos, cada hora ele tinha que mudar de cidade, que eles estavam atrás dele e tudo. Aí em 74, em plena Ditadura, olha, né, na estrada Rio-São Paulo, nunca mais viram o Valter Ribeiro.

ENTREVISTADOR: Desapareceu com ele então?

MARIA GUIMARÃES: Desapareceram com ele. Então consta, no partido comunista francês, que ele está morto, mas para mim... Que ele está morto, que não sei o quê, pá, pá. Para mim ele está desaparecido, e para alguns companheiros, o Jó também, ele também está desaparecido.

ENTREVISTADOR: Então, só vamos fazer esse registro aqui. O nome dele é Valter Freitas Ribeiro, ele é um tenente-coronel da Polícia Militar ou do Exército?

MARIA GUIMARÃES: Não, do Exército.

ENTREVISTADOR: Do Exército, tá. Era um militante de esquerda.

MARIA GUIMARÃES: Ele era militante do Partido Comunista.

ENTREVISTADOR: Do Partido Comunista. E desde 74 que ele está desaparecido?

MARIA GUIMARÃES: Que ele está desaparecido.

ENTREVISTADOR: Que consta como desaparecido.

MARIA GUIMARÃES: É, nos anais lá do partido comunista francês consta que ele está morto, agora eu não sei, porque ninguém viu corpo, certo? É igual o pessoal do Senhor Otávio, a filha dele tentou, tentou e depois cansou, a mulher do Valter tentou, tentou e agora não quer mais nem falar nisso.

ENTREVISTADOR: E sobre a história oficial, o quê que a história oficial fala em relação a esse Valter?

MARIA GUIMARÃES: Uai, o Valter era militante, organizado.

ENTREVISTADOR: Não, mas eu digo sobre a morte dele.

MARIA GUIMARÃES: Ah, sobre a morte, a história oficial é que ele está desaparecido.

ENTREVISTADOR: Ele consta como desaparecido?

MARIA GUIMARÃES: Consta como desaparecido.

ENTREVISTADOR: Nós temos essa informação, Monique? É, sim.

MONIQUE: (Trecho incompreensível)

MARIA GUIMARÃES: Não, ele era, mas ele participava dos movimentos como tenente-coronel, que ele desertou, né, saiu, ele ajudava em todos os movimentos, entendeu? Ele era muito atuante, altamente atuante, por sinal. Sabe? Então ele ajudava no coisa. Então passou um interregno muito grande, o Chicão veio à Valadares, e foi na União Operária, e me chamaram para que eu fosse em um evento para conhecer o Chicão, porque eu falava nesse Chicão e ninguém lá na União Operária conhecia o Chicão.

ENTREVISTADOR: Isso, mais ou menos, em...?

MARIA GUIMARÃES: Foi 79 para 80, não estou lembrada...

ENTREVISTADOR: Está ok.

MARIA GUIMARÃES: Porque tinha, nós tínhamos um jornal, Em Tempo, então o Em Tempo fez uma entrevista com o Chicão, o Chicão... É porque eu tenho que procurar nos meus, nas minhas coisas a entrevista na íntegra do Chicão.

ENTREVISTADOR: Isso para nós seria muito interessante.

MARIA GUIMARÃES: É. Eu vou procurar onde está, porque eu tenho todos os Em Tempo, e tenho a entrevista. Não sei se eu passei essa entrevista para o Tim... E aí o Jornal Diário do Rio Doce pegou a entrevista, que eu distribui o jornal aqui, sabe? Isso foi em 83, por aí. Aí falaram assim: “O Chicão está de volta! Vamos cercar a cidade, que senão vai tomar a cidade!”, a charge do...

ENTREVISTADOR: Do Diário.

MARIA GUIMARÃES: Do Diário. E o chargista é muito meu amigo, e ele falou assim: “Maria, eu fui obrigado a fazer essa charge, mas eu era totalmente contra, e achei ótimo o Chicão ter vindo”. Aí o Chicão veio, estava um pouco debilitado, fez uma entrevista, e falou tudinho sobre 64, a morte do Pascoal Souza Lima...

ENTREVISTADOR: Essa entrevista do Chicão, ela está registrada no Em Tempo ou em outro lugar também?

MARIA GUIMARÃES: Está registrada no Em Tempo, a entrevista, e está registrada lá, se a Glorinha tem o coisa, deve estar registrada lá nos anais da União Operária.

ENTREVISTADOR: Anais da União Operária.

MARIA GUIMARÃES: Essa entrevista que o Chicão deu aqui em Valadares.

ENTREVISTADOR: E essa charge do Diário?

MARIA GUIMARÃES: Essa charge, menino, foi bom, porque o jornal Em Tempo, ele já vendia, ele vendeu em menos de uma hora, nós vendemos 150 jornais. Aí eu liguei para o pessoal do jornal, falei assim: “Manda mais 150, porque só a charge e a entrevista”, eles colaram a entrevista todinha e colocaram, foi um jornal todinho a entrevista do Chicão, feita no Em Tempo.

ENTREVISTADOR: O Diário do Rio Doce publicou a...

MARIA GUIMARÃES: Publicou.

ENTREVISTADOR: A entrevista do Em Tempo?

MARIA GUIMARÃES: Vocês podem também procurar o Diário do Rio Doce, essa entrevista está na íntegra, sabe? Eles cortaram nada. E aí foi aquele fuzuê, aí eu falei assim: “Manda mais jornal, porque a vinda do Chicão aqui causou rebuliço e está todo”, e era Ditadura ainda, que a Ditadura terminou em 85. “Então está todo mundo cercando aqui em casa e tudo, e querendo saber do Em Tempo, querendo pegar o Em Tempo, eu falei que eu não ia dar. Sabe?”

ENTREVISTADOR: Se você conseguisse esse jornal...

MARIA GUIMARÃES: E tentando recolher, eu recolhi todos os jornais Em Tempo das bancas, que me obrigaram, a direção do jornal, para que não houvesse algum problema para mim. Aí, mas com isso vendeu 150 numa cidade que tinha... Hoje que ela tem 200 e poucos mil habitantes, antes ela tinha muito menos. Então foi uma repercussão aqui na cidade, você só via o zum, zum, zum aqui. Eu vou ver se eu consigo. Eu tinha... Deixa eu ver se no... Porque o Amilton me deu, tá meio difícil achar essa entrevista, mas...

ENTREVISTADOR: Porque se você achar a gente fotografava para nós, é fundamental esse material, até amanhã, preferencialmente. Ah, tá.

PROFESSOR RENATOR: Pode deixar com a gente.

ENTREVISTADOR: Que depois você poderia vir aqui.

PROFESSOR RENATO: (Trecho incompreensível) amanhã, mas senão...

ENTREVISTADOR: Professor Renato aí, ele pegaria aqui com você. Ele é professor, ele é da Universidade Federal de Juiz de Fora.

MARIA GUIMARÃES: Ah, você é da Juiz de Fora?

PROFESSOR RENATO: Isso. É.

MARIA GUIMARÃES: Ah, eu sei, eu conheço, conheço dois, Bruno e aquele Henrique. Eu acho o Henrique meio dono de si, sabe? Ele se acha, "sou marxista", eu falei: "Você dá sociologia clássica?", "Eu só dou Marx". Eu falei: "Olha, meu filho, Weber, Durkheim, todos eram clássicos". E eu, como dava sociologia clássica na Univale, antes de eu cair e estar aí de licença, eu dava todos eles, eu tinha domínio sobre todos, até Gramsci, que era clássico. Igual Rosa Luxemburgo que é clássica. Entendeu? Agora o Marx, agora, se você dar só Marx, como é que você vai fazer uma ponte, uma crítica do Durkheim e do Weber se você só dar Marx. Eu, sinceramente, achei ele muito convencido. Sabe? Eu estou falando na sua cara, porque eu sou muito sincera. Entendeu? Eu achei ele muito convencido. Sabe? E eu acho que ele também não foi com a minha cara, então dois bichos não se beijam, então não dá, coisa. Então com isso eu vou tentar ver aqui no meu baú...

ENTREVISTADOR: Que seria muito importante esse documento, muito.

MARIA GUIMARÃES: O Diário do Rio Doce tem.

ENTREVISTADOR: Mas o Diário do Rio Doce tem uma memória? Será se eles têm?

MARIA GUIMARÃES: Está aqui na Marechal, você procura Marcos, é sobrinho do Tim, sabe? Se eles têm em arquivo. Sabe? Acho que eles devem ter tudinho, quando eles saíram dali, eles têm a entrevista na íntegra.

ENTREVISTADOR: Então o Diário não censurou a entrevista que foi publicada no Em Tempo?

MARIA GUIMARÃES: Não, não. O Diário pegou, apropriou de uma propriedade nossa, intelectual, sem a nossa autorização. Entendeu? Pegou na íntegra, foi o jornal inteirinho a entrevista do Em Tempo, todinha, sem censura.

ENTREVISTADOR: Entendi.

MARIA GUIMARÃES: Entendeu? E com a charge. Então, com isto, eles mataram muita gente aqui em Valadares.

ENTREVISTADOR: Isso que nós precisamos de também correr atrás.

MARIA GUIMARÃES: Além de matar na Afonso Pena, né, no hotel que o César vinha com 13 anos. Então, com 13 anos, até eu, se eu tivesse 10 ou 8...

ENTREVISTADOR: Lembrava.

MARIA GUIMARÃES: Lembraria tranquilamente. Entendeu? Então mataram tudo, ele tem horror de Valadares. Ele, quando vai a Coroaci, ele passa por fora, então, ele fala porque ele viu quantas pessoas foram mortas, o quê que fizeram com Valadares.

ENTREVISTADOR: Será que ele, será se ele não tem problemas de nos dar uma entrevista, não?

MARIA GUIMARÃES: Tem não. O César é muito tranquilo.

ENTREVISTADOR: Então está bom.

PROFESSOR RENATO: Eu já cheguei a ouvir também aqui, não sei se a senhora tem conhecimento, de que aonde é ali o Assentamento Oziel, antes de ser assentamento, né? Que antigamente ali funcionava um lugar que levavam gente para tortura, esse tipo de coisa.

MARIA GUIMARÃES: É, eles tinham vários lugares para tortura. Entendeu? Eles tinham vários pontos para tortura. Agora, quando eles acabavam de torturar, certo? Eles matavam e jogavam no Rio Doce. Agora o Capitão Pedro não era de torturar, não, era de matar logo de uma vez. Entendeu? Tinha aquele tanto de pessoa passando na Afonso Pena, aí falavam assim: "Oh, tem um ali!", sabe? Aí ele matava até gente inocente, entendeu, que não tinha nada a ver com isso, e jogava tudo, colocava em um caminhão, já tinha um caminhão, já esperando, jogava os corpos, e jogava no Rio Doce. Isso o César pode te contar com a clareza e que ele viu o quanto de pessoas morreram. Entendeu? Infelizmente, vocês do movimento, esse movimento tem quanto, essa Verdade, essa Comissão da Verdade?

ENTREVISTADOR: Dois anos, dois anos e meio.

MARIA GUIMARÃES: Dois anos. Então, em dois anos e meio, naquele Brasil Nunca Mais, tem muita coisa.

ENTREVISTADORA: No Brasil Nunca Mais tem um inquérito, né, da morte do Soares.

MARIA GUIMARÃES: Tem, tem inquérito, tem coisa. Inquérito que foi a filha dele é que mexeu, entendeu? Porque se os filhos não tivessem mexido, certo, é a (Trecho incompreensível), ela que mexeu, depois ela cansou. Sabe? Agora, deixa eu ver, o Carlos Olavo, não tivesse morrido, ele poderia, né, porque tem Nas Terras do Rio sem Dono, ele é muito pouco. Mas o Jó, se você for lá, (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: Está lá no hotel. Eu acho que nós vamos começar a encerrar, porque nós temos três informações fundamentais, esse professor da UFMG, esses arquivos que estão com o Tim, com o Tim deve ter mais coisas...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível)

ENTREVISTADOR: É, exato. Com isso daqui nós já resolvemos, né, praticamente... Pode deixar, né? Que aqui tem memória. Praticamente, bastante coisa que nos interessa. (trecho incompreensível) Já desligou aí? É uma pena, né? Isso tinha que ter um cabo, (trecho incompreensível) isso não tem um cabo que dar para ligar elétrico? Não tem um cabo? Ela não tem, então, conexão com a eletricidade? (trecho incompreensível)

MARIA GUIMARÃES: (Trecho incompreensível), amanhã de 07h00min ao meio dia, ele já chega cedinho.

ENTREVISTADOR: Qual que é o hotel? Hotel?

MARIA GUIMARÃES: Hotel Rio Branco, é aqui na Prudente de Moraes, aqui, ó, você atravessa, atravessa a Prefeitura, certo? Aí você vai assim, ó, né... Se você quiser ir, você vira, tem uma ruazinha e pergunta: "Onde é a Rua Prudente de Moraes?"

ENTREVISTADOR: Ele trabalha lá em quê?

MARIA GUIMARÃES: Ele é o dono do hotel.

ENTREVISTADOR: Ah, ele é o dono do hotel.

MARIA GUIMARÃES: E é do Partidão. O Jó é um proprietário revolucionário. Certo? E ele tem muitos dados também, que ele conheceu esse pessoal. O Luizinho vai dar. Agora, em Valadares, no caso nosso, em plena Ditadura, aí agora eu vou contar o meu caso. Em 77, nós fizemos o terceiro encontro dos estudantes nacional para a reorganização da UNE. Então, vieram estudantes de toda parte do país. Aí o meu irmão, nós éramos da Centelha, que é, que depois se transformou na DS, que era dona do Em Tempo. Sabe? O Em Tempo era do Amilton, do Flávio Aguiar, do Flávio Gutierrez, de várias pessoas, o Flávio era o maior acionista. Então, eu

trabalhava no Em Tempo. Aí então, com isto o meu irmão pegou e falou assim: “Maria, você já pode vir que eu já vou indo, né, estou indo para lá, e eu te encontro na Faculdade de Medicina”. Aí eu fui, já sou gorda, ele magrinho, com a blusa de frio vermelha, né, cabelo comprido de rabo, batida, né, e fui para o terceiro. Aí, discutindo, né, o paulista, que sempre têm uns que gostam de aparecer mais que o outro, né? Liderança. Que as lideranças, juntou, única vez que juntou Exército, Polícia Federal, Polícia Militar, Polícia Civil, tudo junto, eles não se batem. Certo? Então, era o Capitão Bandeira, o Fleury, todo mundo estava nesse encontro em Belo Horizonte, ficou famoso no país inteiro, não sei se você lembra, 77. Aí... E estamos lá conversando e tudo, pá, pá, e o cara explicando, “nós temos que coisa”, e antes, antes desse encontro nós fizemos várias manifestações contra a Ditadura e a favor da democracia. Era bomba de um lado, a gente ia para FACE, tinha uma hora que jogou uma bomba de efeito moral do meu lado, eu não sabia se eu pegava a bomba e jogava fora. “Vem Maria!”, e a menina foi arrastada, rasgou o olho, o outro rasgou o braço, quase que eu rasguei. Certo? Aí, “eu corro para onde?”, “Corre para onde você quiser!” Aí eu corri e entrei numa coisa, e a cavalaria tentando, “vamos procurar!”. Nós, na época, no terceiro encontro, antes de acontecer isso, isso foi antes, antes de acontecer isso, o... “Nós queremos o João Machado, o João Batista Mares Guia...”, e foram citando nomes, “esses que nós queremos! Os cabeças do movimento”, e falavam em megafone. “Aonde eles estão?” Estavam todos escondidos, nenhum estava no encontro, né, evidentemente, senão não estariam vivos hoje. Aí, eu não sei se João Antônio, só sei que falou um tanto de gente, aí eram quatro ou cinco. E nós lá e tudo: “Oh, gente, nós temos que reorganizar a UNE, mas não a UNE ligada ao PCdoB, uma UNE mais democrática, pá, pá, pá”. Aí chegou a noite, fomos dormir, né. Ah! Meu filho, quando acordamos, o reitor da Federal foi o mediador e você acredita que o Aureliano Chaves foi um dos mediadores? Para você ver o nível que estava a coisa. Aí eles estão, tu, tu, tu, tu, tu, corredor polonês. Vocês conhecem corredor polonês?

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA GUIMARÃES: Faz aquela fila e você entra no meio, e não pode nem, mulheres, sabe? Mulheres separadas e homens separados, e tudo, e não pode nem olhar um para o outro e nem rir. E aí eram não sei quantos ônibus, e fomos entrando e indo embora. Aí eu lembro que comemoraram um aniversário, começaram a fazer, bater palmas, parabéns, aí o meu irmão falou assim: “Olha aqui, gente, nós estamos indo presos, e vocês estão achando que isso é brincadeira?” Meu irmão ficou puto. Aí um guarda, um militar falou assim: “Oh, disgrama, por

causa desses estudantes, eu sou de Valadares”, falei: “Puts grila”, porque a tropa de choque é aqui em Valadares. E o cassetete desse tamanho de peroba, me dá uma vontade de sentar uma cacetada em cada um deles. Aí fomos para Gameleira. Mulheres de um lado, homens de outro. Certo? Fui fichada na Polícia Civil, no DOPS, e meu irmão foi enquadrado na lei de segurança nacional, porque ele era do Diretório, como secretário. Como eu não queria cargo, eu era do Colegiado, eu não fui enquadrada, fui enquadrada em 92, eu tinha tudo isso, gente.

ENTREVISTADOR: É, mas essa documentação do encontro de Belo Horizonte nós temos, é uma outra comissão, mas tem, essa está bem documentada.

MARIA GUIMARÃES: Aí, então, antes disso, a gente fazia manifestação com Lucélia Santos, Sônia Braga, era bomba de tudo quanto era lado. Então, marcha, manifestação nos fundos da Afonso Pena, antes de 77, 75, 76, era direto. Aí um dia, aí um amigo meu, ele e a mulher dele, a namorada dele, entrou, aí: “Soldado, soldado, você também não é explorado, venha para o nosso lado, não fique aí parado, venha para o nosso lado”, e tudo. Aí ele foi falar isso, deram uma cacetada nele e colocaram no camburão, ele e a Sara. Ele falou assim: “Maria, nunca mais eu entro nesse movimento que você me pediu para entrar”. Aí eu sumi, aí rolou na universidade que eu tinha sido presa, que eu estava no camburão e tudo, foram no DOPS, foram no camburão, escambau a quatro. Até que dois dias depois eu apareci, sabe? Que a gente tinha coisa. E tinha um amigo meu que foi de chinelo para manifestação, e entrou ali naquela antiga perfumaria Lourdes, ali na Amazonas, e a polícia fechou ele e falou assim: Bocão, aqueles Pastor Alemão bem... Aí então, “se você está no meio dessa estudantada sem vergonha, que não sabe nada que fazer e que está nos tomando tempo?” Não, eu passei aqui tranquilo, aqui, eu estava andando. Aí o cara deu um chute na bunda dele e falou assim: “Nem para isso, seu bosta, você serve. Para manifestação?” Xingou ele que ele não estava na manifestação, o policial. Aí ele foi lá para casa, que lá em casa era o QG, todo mundo que era preso ia lá para casa depois de solto, ia lá para casa. Meu irmão ficou muitos anos sem conseguir emprego, porque ligaram ele ao PCdoB, e ele não era do PCdoB. Entendeu? Então ele ficou sem arrumar emprego porque ele está fichado na Lei de Segurança Nacional, no SNI, que é aquele Alexandre Garcia, era um dos representantes dos que fazia parte do SNI, aquele sem vergonha da Globo. Agora, com isso, nós, sofremos muito, eu levei muita cacetada. Certo? De cavalaria, nós reuníamos direto, certo? Até 85. Criamos o PT em plena Ditadura, sofremos perseguição aqui em Valadares, era tudo gravado, tudo, tudo, tudo, mas continuamos. Quase morremos. Tinha uma amiga minha que estava grávida, eu falei:



“pula, porque aquele jipe não é jipe comum, ele veio para matar a gente, pula”. Aí ela deu um pulo, não sei como ela conseguiu, eu pulei, ela pulou, nós pulamos juntas, “segura na minha mão”, nós pulamos. Entendeu? Porque o jipe já veio para cima da gente, ele quase que subiu na calçada, aí, e a Kombi da Polícia Federal querendo saber. Prenderam um cara dentro da CEMIG, que era ligado aos movimentos contra a Ditadura. Nós tínhamos muito, quando souberam que o Mares Guia estava aqui, a polícia baixou toda aqui em Valadares, ele teve que ir embora, ele deu uma entrevista muito rápida. Entendeu? E hoje é um bundão, hoje é um, há muitos anos já não milita. Mas foi isso. Agora, o Jó, vocês indo amanhã, ele pode passar. Eu vou tentar ver se eu consigo, eu tinha isso, eu devia ter guardado, que tá guardado, mas até eu procurar, sabe?

ENTREVISTADOR: Mas nós vamos ficar...

MARIA GUIMARÃES: A entrevista. Agora, o Diário do Rio Doce tem toda a íntegra da entrevista do Chicão.

ENTREVISTADOR: Deixa eu só registrar aqui para a câmera também os dados. Hoje é dia 06 de fevereiro de 2017. Nós estamos aqui em Governador Valadares, com a entrevista com Maria...

MARIA GUIMARÃES: Eu sou socióloga.

ENTREVISTADOR: Socióloga, professora.

MARIA GUIMARÃES: Professora universitária da Univale. Entendeu? Cientista Política, antropóloga, não precisa colocar isso, não.

ENTREVISTADOR: Tá.

MARIA GUIMARÃES: Socióloga. Meu nome é Maria da Conceição Monteiro Guimarães, mais conhecida como Maria Guimarães.

ENTREVISTADOR: Maria Guimarães. E aí você está autorizando também nós utilizarmos esse material pela Comissão da Verdade?

MARIA GUIMARÃES: Pode.

ENTREVISTADOR: Publicar.

MARIA GUIMARÃES: Pode, tudo.

ENTREVISTADOR: Está ok. Muito obrigado.

MARIA GUIMARÃES: E o Jó vocês vão...